

Entrevista com Edson Gabriel Garcia

Edson Gabriel Garcia é autor de mais de sessenta livros de literatura infantil e juvenil, livros didáticos de Língua Portuguesa e livros sobre temas de cidadania. Foi professor de Língua Portuguesa em escolas públicas e particulares e diretor de escola da rede municipal de ensino de São Paulo. Planejou e colaborou com a criação de diversos programas de incentivo à leitura, como o Programa Prazer em Ler. Em seu site, escreve diversos textos sobre o tema “leitura e escrita na escola fundamental”.

www.escritoredsongabriel.com.br

Quais eram os anseios dos jovens na época em que você foi professor e diretor de escola?

Ler ou escrever os ajudava a lidar com esses anseios?

Penso que eram os mesmos dos jovens de hoje: crescer bem, com boa formação, constituir família e ter uma boa colocação no mundo do trabalho. De certa forma, ser feliz. Certamente, naqueles meus tempos de diretor e professor, cerca de vinte anos atrás, ler e escrever ajudavam a lidar com esses anseios. Como pode ajudar hoje jovens leitores. Ler ou escrever são formas de se dialogar com o mundo, não tenho a menor dúvida disso.

Os estudantes são muito cobrados em relação à leitura, mas – novamente a partir da sua experiência em escola – os professores são leitores assíduos?

Não são, infelizmente. Ainda continuo dando palestras para professores e mediadores de leitura sobre a importância da leitura e da escrita no mundo contemporâneo e sinto esse pouco interesse pela leitura. Triste, pois entre todas as profissões, escolher ser educador não dá esse direito “de não ser leitor”. Pelo contrário: amar a leitura é condição fundamental do ser educador.

Como incentivar o hábito da leitura e da escrita entre os alunos? É preciso repensar as práticas pedagógicas de inserção nesse universo?

Não dá para responder a essa pergunta neste curto espaço. Há dezenas de dissertações acadêmicas e centenas de livros sobre o assunto. E milhares de artigos menores. Mas... para não fugir da conversa, arrisco algumas anotações. O ponto fundamental é ter educadores-leitores e uma escola formatada como se fosse um ambiente leitor. Fora desse contexto não há como pensar essa situação. Até porque nos dias de hoje à escola cabe essa função básica de formar leitores e escritores. É da escola essa função e não há como terceirizá-la. Nesse sentido, temos que cuidar da melhor formação dos educadores, das condições de trabalho, do ambiente escolar, da estrutura do prédio escolar e dos seus equipamentos. Um educador leitor, que tenha a leitura e a escrita como quesitos básicos de sua atuação pedagógica, certamente encontrará meios de ensinar aos seus alunos o gosto pela leitura e escrita e a boa técnica de leitura e escrita. Não se ensina o que não se sabe. Não se transmite o que não se tem. De outro lado, a escola, como um todo, tem que se equipar como ambiente leitor e escritor para permitir que o ensino seja aprendido. Ambientes leitores, com livros, jornais e revistas atualizados e escolhidos pelos leitores, são necessários. Costumo falar de um tripé: espaço, acervo e mediação. Espaço gostoso, bem organizado, estruturado e bem alimentado pelos suportes de leitura. Acervo amplo, diverso, com reposição permanente. Mediação, que é

a atuação do mediador da leitura, o educador preparado que se coloca entre o livro e o leitor para fazer a ponte entre ambos. Em minha experiência de organizador e planejador de projetos de incentivo à leitura (o Programa Salas de Leitura das Escolas Municipais de São Paulo é um dos programas que coordenei sua implantação há cerca de trinta anos), posso afirmar que, respeitado esse tripé, havendo olhar e vontade políticos e investimento, o resultado na formação de leitores aparecerá. Não tenho muita dúvida disso.

Como será a sua participação no programa “Viagem Literária” e quais assuntos você pretende abordar?

Como das outras vezes, estarei na biblioteca municipal de cinco cidades (Mococa, Leme, Araras, Santa Bárbara d’Oeste e Diadema) conversando com um público de alunos de escolas interessadas. Falarei um pouco sobre a importância da leitura e da escrita, sobre o meu modo de escrever, contarei algumas histórias interessantes envolvendo livros, leitura, bibliotecas. Tenho muito prazer em participar desse projeto, pois sinto que sempre fica alguma coisa no ar. Os professores interessados e interessantes pegam “essa coisa no ar” e a transformam em ações pró-leitura.

Como palestrante, você vê diferenças entre o público do interior e o da capital paulista? Se sim, quais?

Na perspectiva do programa “Viagem Literária” não dá para falar, pois tenho participado do projeto em cidades do interior. Dá para responder considerando minha experiência como escritor, pois vou em escolas de todo tipo, em todo lugar, em capitais, no interior etc. Então posso afirmar que não há diferenças. De modo geral, o pessoal de cidades pequenas do interior é mais tranquilo e calmo, mas isso se deve ao modo de vida. A diferença que vejo é na parceria que alguns bibliotecários conseguem estabelecer com algumas escolas e educadores. E o que salta mais é a diferença de uma escola para outra. Quando há trabalho e envolvimento dos educadores, comprometidos com a leitura, aí sim o bicho pega. E pega bonito: há uma qualidade muito maior de participação dos alunos quando há um bom trabalho desenvolvido pelos professores.

Algum livro lhe proporcionou uma viagem, ou seja, estimulou a sua imaginação ou até mesmo inspirou a sua escrita? Qual é o nome da obra e do que ela trata?

Não sou leitor de um livro nem de um gênero. Adoro ler, tudo, o tempo todo. E leio mais de um livro ao mesmo tempo. Sempre. Por incrível que pareça, os livros conversam entre si. Gosto muito de biografias, de política, de terror (bem escrito), de ficção narrativa. Gosto de vários autores e autoras diferentes, brasileiros e estrangeiros. E, para não deixar a resposta pela metade, cito alguns livros e razões pelas quais sou apaixonado por eles. “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, pois foi o que me deslumbrou primeiro e me fez apaixonado pela leitura. “Flicts”, do Ziraldo, que talvez tenha sido o que me deu vontade de também escrever. “A Casa dos Espíritos”, da Isabel Allende (chilena), que me fez viajar sem sair do lugar. “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pela qualidade literária. E “A Louca da Casa”, de Rosa Montero (espanhola), meu livro de cabeceira e que leio e releio sempre, pela mescla fantástica de realidade e ficção, por esclarecer tanto sobre o ofício de escrever e por me dar a certeza de que ler prolonga a vida.